

É bondade sua, muito estimado amigo, ignorar este meu silêncio de dois anos e escrever-me como me escreve. É mais do que bondade dar à sua solicitude para comigo, à sua perplexidade pela letargia espiritual em que lhe pareço ter caído, esse tom de ligeireza e ironia que é próprio apenas dos grandes homens marcados pelas atribulações da vida, mas que nem por isso se deixam desanimar.

Termina a sua carta com o aforismo de Hipócrates: «*Qui gravi morbo correpti dolores non sentiunt, iis mens aegrotat*»<sup>3</sup> e é de opinião de que preciso da medicina, não apenas para dominar o meu mal, mas ainda mais para aguçar os sentidos para o estado do meu espírito. Gostaria de lhe responder como merece, gostaria de me abrir a si completamente e não sei como fazê-lo. É-me difícil saber se ainda sou o mesmo a quem se destina a sua preciosa carta. Hoje, com vinte e seis anos, serei o mesmo que aos dezanove escreveu o *Novo Páris*, o *Sonho de Dafne*, o *Epithalamium*, esses jogos pastoris que vacilam sob a pompa das palavras que os vestem e a que uma divina rainha e alguns lordes e senhores demasiado indulgentes concedem a graça de

deles ainda se recordarem? Serei também aquele que, aos vinte e três anos, sob as arcadas de pedra da grande praça de Veneza, em si mesmo descobriu um encadear de períodos latinos cujo plano espiritual e cuja construção o encantaram interiormente mais do que os edifícios que Palladio e Sansovino emergindo do mar? E, se sou o mesmo, como é então possível que o meu incompreensível eu tenha perdido todos os traços e todas as cicatrizes dessa criação do meu pensamento mais tenso, a ponto de, na sua carta, que tenho à minha frente, o título desse meu pequeno tratado me fixar friamente como coisa estranha e eu o não poder entender imediatamente como imagem corrente dum combinação de palavras mas apenas palavra a palavra, como se pela primeira vez os meus olhos vissem tais vocábulos latinos arranjados desta forma? Acontece que sou o mesmo, e há retórica nestas perguntas, uma retórica que é boa para as mulheres ou para a Câmara dos Comuns, cujos instrumentos de poder, tão excessivamente apreciados pelo nosso tempo, não bastam para chegar ao âmago das coisas.

Ora, é o meu âmago que eu quero expor perante si, uma singularidade, um vício, uma doença do meu espírito, se preferir, para que veja o abismo intransponível que me separa dos trabalhos literários que aparentemente tenho à minha frente, como dos que estão para trás e se me tornaram tão estranhos que hesito em chamá-los meus.

Não sei se deva admirar mais a força irrecusável da sua benevolência ou a incrível agudeza da sua memória, quando traz de novo à minha presença os diversos pequenos projectos que eu tinha nos dias de belo entusiasmo que partilhámos. De facto, queria descrever os primeiros anos do reinado do nosso glorioso soberano Henrique VIII! As notas deixadas pelo meu avô, o duque de Exeter, sobre as

suas negociações com a França e Portugal davam-me uma espécie de base. E de Salústio, naqueles dias propícios, felizes, para mim fluía, como por vias nunca congestionadas, o conhecimento da forma, dessa forma profunda, verdadeira, íntima, que só do outro lado da barreira dos artifícios da retórica pode ser pressentida e da qual não é mais possível dizer-se que ordena a matéria, pois que a penetra, a ergue e ao mesmo tempo cria a poesia e a verdade, jogo de forças eternas que se anulam, coisa magnífica como a música e a álgebra. Era este o meu plano predilecto. Que é o homem para fazer planos!

Brincava ainda com outros planos. A sua bondosa carta também os convoca. Cada um deles repleto com uma gota do meu sangue, dançam todos à minha frente, como mosquitos melancólicos num muro sombrio onde o sol forte dos dias felizes já não bate.

Queria decifrar as fábulas e os mitos que os Antigos nos legaram, nos quais os pintores e os escultores encontram um prazer sem fim e sem pensamento, queria decifrá-los como hieróglifos duma sabedoria secreta e inesgotável cujo sopro me parecia por vezes sentir como através de um véu.

Recordo-me desse plano. Por fundo tinha não sei que desejo espiritual e sensual: como o veado acossado procura a água, ansiava eu por aqueles esplêndidos corpos nus, aquelas sereias e dríades, aqueles Narcisos e Proteus, Perseus e Actéons: queria desaparecer neles e falar pelas suas bocas. Queria. Queria isso e muito mais. Pensava nuns *Apotegmas*, como os de Júlio César — como se lembra, Cícero mencionou-os numa carta. Neles, pensava colocar, lado a lado, tudo o que de mais notável em matéria de ditos conseguisse reunir a partir do intercâmbio quer com os homens mais cultos e as mulheres mais espirituais do nosso

tempo, quer com os elementos mais invulgares da gente do povo ou outras personagens cultas e distintas que conhecesse nas minhas viagens; a dar unidade ao todo haveria bonitas frases e reflexões tiradas das obras dos Antigos e dos Italianos, e toda a espécie de ornamentos que encontrasse em livros, manuscritos ou em conversas; além disto, a organização de festividades e de procissões particularmente belas, narrações de crimes e de casos de demência extraordinários, a descrição dos edifícios maiores e mais originais dos Países Baixos, de França e de Itália, e muitas coisas mais. Porém, o título da obra devia ser *Nosce te ipsum*<sup>4</sup>.

Em suma, tudo quanto existe apresentava-se-me, então, numa espécie de bebedeira contínua, como uma grande unidade: o mundo espiritual e o mundo material pareciam não constituir antítese, tão-pouco as maneiras cortesias e as brutais, a arte e a barbárie, a solidão e a sociedade; em tudo sentia uma natureza, tanto nas aberrações da loucura como nos requintes mais extremos de um cerimonial espanhol; nas boçalidades de jovens camponeses não menos que nas mais suaves alegorias; e em todas as naturezas sentia-me eu mesmo; quando, na cabana de caça, saciava a sede com o leite espumoso e morno que, das tetas duma bela vaca de olhos meigos, uma rapariga de cabelos desgrenhados mungia para um balde de madeira, em nada era isto para mim diferente de quando, sentado no banco da janela do meu *study*, absorvia, de um in-fólio, o suave e espumoso alimento do espírito. Estes dois actos eram idênticos: um não ficava atrás do outro, quer em idealidade supraterrana, quer em materialidade de poder corporal, e o mesmo, deste modo, se passava, à esquerda e à direita, em toda a extensão da vida; em todo o lado eu estava no meio de tudo,

nada encontrando que fosse aparência: ou então pressentia que tudo seria alegoria e cada criatura uma chave das outras, e sentia-me a ponto de as colher pela corola, uma após outra, para que cada uma me revelasse todas as outras de que ela conhecia o segredo. Assim se explica o título que pensava dar ao meu enciclopédico livro.

Quem for propenso a essas ideias poderá encontrar um plano bem ordenado da divina Providência no facto de o meu espírito inchado de presunção ter por força caído no excesso de desencorajamento e de impotência que se tornou o meu estado permanente. Tais concepções religiosas, todavia, não têm poder sobre mim; são teias de aranha através das quais se escapam para o vazio os meus pensamentos, enquanto tantos dos seus companheiros nelas ficam presos e nelas encontram o repouso. Para mim os mistérios da fé condensaram-se numa sublime alegoria que paira sobre os campos da minha vida como um arco-íris sempre longínquo, sempre pronto a afastar-se se eu quisesse correr para ele e envolver-me na aba do seu manto.

Mas, meu estimado amigo, também as noções terrenas se me furtam da mesma maneira. Como devo fazer para lhe descrever estas estranhas torturas espirituais, este endireitar-se repentino dos ramos carregados de frutos para longe das minhas mãos estendidas, este refluir da água murmurante à frente dos meus lábios sequiosos?

O meu caso é, em resumo, o seguinte: perdi por completo a faculdade de pensar ou de falar conseqüentemente sobre o que quer que seja.

A princípio foi-se-me tornando cada vez menos possível tratar qualquer tema elevado ou de carácter geral e utilizando para tanto os termos de que, no entanto, toda a gente correctamente se serve. Só de proferir as palavras «espíri-